

# TEMAS MÍTICOS NOS CONTOS POPULARES PORTUGUESES

CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO  
FLUL/CEC

Dos contos exemplares às narrativas em que impera a magia e o sobrenatural, ou às lendas de carácter mítico que exprimem concepções de fenómenos cósmicos e morais, muitos são os testemunhos da tradição oral portuguesa em que figuram tópicos intemporais da literatura universal. Preservados pela sabedoria popular longe da acção renovadora do progresso científico e racional, os contos tradicionais constituem vestígios mais ou menos fragmentários, claros ou deformados, de mitos e conceitos religiosos de remotas eras, que se exprimem na representação formal de coisas supra-sensíveis. É essa a matéria que dá ao conto o seu conteúdo, satisfazendo ao mesmo tempo o natural fascínio pelo maravilhoso.

Tema de grande parte dos contos populares, o confronto entre a natureza humana e as vicissitudes da vida é muitas vezes associado ao destino, à providência divina ou à acção de seres sobrenaturais, coadjuvantes ou opositores dos desígnios dos mortais. Assim se constroem histórias intemporais de reis e de homens comuns, que nos trazem à memória célebres episódios e personagens da mitologia clássica.

## 1. O menino exposto e outros tópicos afins

Recorrente na mitologia clássica, o tópico da exposição de recém-nascidos à morte, nas montanhas ou no mar, preludia a sua salvação por pastores ou pescadores, por vezes precedida pela providencial intervenção de uma ama animal. Exposto à nascença para evitar que viesse a cometer o parricídio e o incesto que o oráculo vaticinara a seu pai, Édipo foi salvo por um pastor (Grimal 323-325). Um pescador salvou Perseu e sua mãe Dánae, que o rei Acrísio expusera à mercê dos perigos do mar, para evitar que se cumprisse o oráculo segundo o qual o neto o mataria (Grimal 361-362). Nascido de uma relação incestuosa, Egisto foi abandonado nas montanhas e salvo por pastores (Grimal 134-135). Receando ser vítima do sarcasmo dos deuses, Afrodite abandonou nas montanhas o seu disforme filho Priapo, recolhido por pastores (Grimal 394-395). Seduzida por Zeus, Antíope deu à luz Anfíon e Zeto: receosa da cólera paterna, expôs os recém-nascidos no cimo de um monte, onde foram encontrados por um pastor, que os criou (Grimal 39). Antes de serem salvos por pastores, Éolo e Beoto foram alimentados por uma vaca (Grimal 139-140), Páris foi aleitado por uma urso (Grimal 345-348), Parrásio e Licasto (Grimal 348), Rómulo e Remo (Grimal 410-412) tiveram lobas por amas, Pélias e Neleu foram alimentados por uma égua (Grimal 353-354) e Télefo por uma cerva (Grimal 441-442).

Coligido em Espadanedo, no concelho de Cinfães (Coelho 177-180), o conto “A sina” apresenta alguns dos tópicos da trágica história de Édipo. Por ter mandado ler à nascença a sina do seu único filho, um rei sabia que o príncipe estava predestinado a matá-lo com um punhal. Na esperança de evitar o cumprimento da profecia, abandonou-o num rio distante do palácio. Um casal de moleiros salvou da morte o príncipe, que cresceu como seu filho adoptivo, tornando-se um talentoso alfaiate cuja

fama chegou ao palácio. A rainha encomendou-lhe um fato, convidando-o a escolher, em troca do seu trabalho, um dos valiosos objectos que se encontravam num cofre. O jovem retirou um punhal, com que pouco depois viria a infligir no rei um golpe fatal, quando ele o ameaçou por o ter encontrado nos aposentos da esposa. Assim que os guardas do palácio despiram o agressor para o açoitarem, a rainha observou-lhe nas costas um sinal que a fez reconhecer nele o filho que abandonara à nascença. Chamado à corte, o moleiro explicou como encontrara o recém-nascido. Moribundo, o rei reconhece que a sina do filho se cumpriu. As lágrimas vertidas pelas trágicas circunstâncias em que herda o poder, como sucessor do pai, levam o príncipe a ficar cego. Mas, ao contrário de Édipo (que se cega, ao reconhecer o parricídio e o incesto) o herói do conto apenas temporariamente perde a visão: uma fada prevê a cura do monarca, se uma virgem lhe trouxer a baba de um passarinho azul, cujo ninho se encontra na mais alta árvore do mundo. Disposta a salvá-lo, uma das aias da rainha consegue essa proeza e torna-se sua mulher.

“António Sem-Fortuna” (Moutinho 161-162) é outro conto tradicional sobre o regresso às origens de um jovem abandonado pelos pais à nascença. Para esconder aos olhos do mundo que engravidara a filha, um negociante abastado expõe no mar o fruto dessa incestuosa relação. Salvo por um marinheiro, o menino cresce como seu filho adoptivo. Mas, desejoso de conhecer a família que o enjeitara, parte levando consigo os objectos de reconhecimento com que fora exposto. Depois de muito deambular, acaba por ficar ao serviço de um rico mercador, que lhe dá em casamento a filha. Ao reconhecer entre os haveres do marido os objectos com que fora abandonado o menino que ela dera à luz, a filha do mercador compreende que está casada com o seu próprio filho. Mas tudo se recompõe: António deixa a mulher, vai a Roma confessar-se ao Papa e cumpre três anos de penitência; ao regressar à sua terra, já os pais tinham morrido (em paz com a sua consciência, por terem previamente confessado o arrependimento pelo incesto e pelo abandono do filho) e já ninguém se lembrava da sua triste história.

Longe das suas origens crescem também os dois príncipes do conto algarvio “Palmeiriz de Oliva” (Braga 194-195), cujo título advém do nome dado por um casal de camponeses a um menino encontrado exposto junto de uma palmeira e de uma oliveira. Um ano depois, três cavaleiros incumbem o mesmo casal de criar uma menina. Os dois enjeitados crescem juntos como filhos dos camponeses, até ao dia em que os cavaleiros regressam para levar consigo a jovem. Ao perceber que não são irmãos, ela confessa a Palmeiriz o seu amor e promete que só com ele se casará. Partindo em busca da sua amada, o rapaz acaba por descobrir que ela é uma princesa e que ele próprio é o filho de um rei, que o abandonara à nascença para o salvar do ódio da madrasta.

O tópico do recém-nascido exposto alimentado por um animal figura no curioso conto algarvio “As três fadas” (Braga 92-94). Uma mulher desgostosa por não ter filhos pediu ajuda a Santo António, que lhe deu três maçãs. Inadvertidamente, porém, foi o marido que ingeriu os frutos e concebeu uma menina, que mandou abandonar num monte. Uma águia alimentou-a e viveu com ela até ao dia em que um príncipe que andava a caçar, impressionado com a sua beleza, a levou para o seu reino. Perseguida pela rainha, a jovem recebeu a protecção de três fadas e casou com o príncipe.

Em algumas narrativas, a exposição dos recém-nascidos não é premeditada pelos pais, mas por outros parentes (no final, punidos pelo seu crime). No conto minhoto “As cunhadas do rei” (Braga 147-149), um rei toma por esposa a mais nova de três irmãs por esta lhe prometer três filhos com uma

estrela de ouro na testa; cheias de inveja, as irmãs da rainha atiram ao rio os sobrinhos recém-nascidos e apresentam ao rei três cães. Recolhidos por um moleiro, os príncipes vivem algum tempo a salvo, na sua companhia; mas, após a morte do pai adoptivo, são de novo perseguidos pelas tias, quase perdendo a vida. O rei condena as cunhadas e recupera a felicidade, ao lado da mulher e dos filhos. Sob o título “A rainha virtuosa e as duas irmãs invejosas” (Trancoso 2ª parte 44-52), o mesmo enredo figura entre os *Contos e Histórias de proveito e exemplo* coligidos por Gonçalo Fernandes Trancoso, em 1575. Um rei desposa a mais nova de três irmãs, por esta lhe prometer dois filhos formosos como o ouro e uma filha mais bela do que a prata. Mal os príncipes nascem, as duas irmãs da rainha ordenam a uma serva que os exponha e apresentam ao rei um sapo, uma cobra e uma toupeira. Alguns anos mais tarde, o monarca reencontra os filhos (salvos da morte por um pescador, que os adoptara); denunciadas pela serva que os abandonara à nascença, as irmãs da rainha recebem o justo castigo e o rei recupera a esposa que injustamente expulsara do palácio.

Idêntico é o desenlace do conto algarvio “A saia de esquilhas” (Braga 90-92). Ferida numa roca, uma jovem cai sem sentidos e é abandonada na tapada real, onde um príncipe por ela se apaixona. A jovem dá à luz três filhos, permanecendo adormecida até ao dia em que uma das crianças lhe faz saltar de uma das mãos uma pua. Advertida desta insólita situação mantida em segredo pelo príncipe, a rainha manda buscar os netos (que entrega a uma cozinheira do palácio, no intuito de os ir servindo ao filho como ementa) e ameaça de morte a mãe dos meninos. O ruído da saia de esquilhas da jovem atrai, porém, a atenção do príncipe, que acorre a salvá-la. Condenando a mãe pela sua crueldade, ele reúne no palácio a sua família, pois a criada incumbida de cozinhar os meninos não tivera coragem de cumprir as ordens da rainha.

Exposta à nascença num silvado, mas predestinada a ser rainha, Maria Silva é a protagonista de um conto com duas variantes. Segundo a versão recolhida em Coimbra (Coelho 249-251), um príncipe que andava a caçar encontrou abandonada uma menina recém-nascida e ouviu uma voz dizer-lhe que essa criança viria a ser sua mulher. Para poder vir a comprovar a veracidade da profecia, marcou a criança na testa com um ferro em brasa e cortou-lhe um dedo. Alimentada por uma cabra, a menina sobrevive até ser encontrada por um casal de pastores sem filhos. Após a morte dos pais adoptivos, vai trabalhar como aia no palácio, onde é reconhecida pelo príncipe, que por ela se apaixona. Na versão algarvia desta história (Braga 111-113), um rei que andava a caçar foi albergado por um carvoeiro, cuja mulher deu à luz uma menina. Ao ouvir uma voz anunciar-lhe que aquela criança haveria de ser sua esposa, o monarca pediu que o deixassem levá-la consigo e entregou-a a um pajem para que a matasse. Sem coragem para o homicídio, o pajem abandonou a recém-nascida num silvado, onde um lenhador sem filhos a recolheu. Passados cinco anos, ao descobrir que a menina ainda estava viva, o rei foi deitá-la ao mar, mas uns marinheiros levaram-na consigo para o seu país. Como aia do palácio, aí a encontrou de novo o monarca a quem estava predestinada e cumpriu-se a profecia.

Muitos outros contos tradicionais têm por protagonistas crianças ou jovens abandonados à morte pelos seus pais. Em “O menino e a lua” (Coelho 252-253), um casal abandona no mar o filho, por este afirmar que a Lua lhe vaticinara que um dia o seu pai se tornaria seu servo; em “O Sabor dos sabores” (Moutinho, 78-79), a filha mais nova de um rei é abandonada na floresta por dizer ao pai que o ama como a água ama o sal; em “O carvoeiro” (Moutinho, 128-136), falsamente acusada de seduzir

um padrinho sacerdote, a filha de um mercador é, por ordem do pai, abandonada na floresta; no conto “A princesa abandonada” (Coelho 254-258), um rei condena à morte a filha por ela se encontrar grávida de um aio; encerrada numa torre desde o seu nascimento, a heroína do conto “A princesa enterrada viva” (Moutinho, 90-92) recebe do pai essa punição por uma gravidez inesperada; aprisionada pelo rei numa torre, para se esquecer do seu amado, a princesa do conto “A fonte Luminosa” (Soromenho 188-189) engravida e foge para não incorrer na ira paterna, mas morre ao dar à luz uma menina (de quem um casal de anciãos cuida, até ao dia em que o rei, ao descobrir as circunstâncias da morte da filha, decide levar a neta para o palácio).

## **2. O príncipe encantado e outros seres sobrenaturais**

Conta Apuleio (*Met.*, IV, 28-VI, 24) que, abandonada pelos pais no cimo de uma montanha por determinação de um oráculo (segundo o qual um monstro a viria buscar), a bela Psique foi levada a um magnífico palácio, onde todas as noites sentia junto de si um misterioso ser, que lhe disse que ela jamais o poderia ver sob pena de o perder para sempre. Quando as saudades da família a levaram a pedir ao seu anfitrião licença para visitar a casa paterna, as irmãs aconselharam-na a usar uma lucerna para procurar saber com quem passava as noites. Psique infligiu assim inadvertidamente uma queimadura ao seu misterioso amante, o jovem Eros, que ao sentir-se observado cumpriu a ameaça de a deixar sozinha. A jovem correu mundo e Eros sofreu até a reencontrar.

Vários tópicos deste mito figuram na construção de diversos contos tradicionais portugueses. Em “O príncipe das Palmas Verdes” (Coelho 210-213) e “O príncipe encantado” (Soromenho 143-145), uma rapariga vai ter a uma casa abastada e solitária, onde um misterioso ser com ela se vai deitar todas as noites. Aconselhada (pela mãe ou pela madrinha) a acender uma vela para poder observar essa personagem, a jovem acaba por redobrar o encantamento do seu anfitrião (que é na realidade um príncipe) e vê-se obrigada a correr mundo para o reencontrar e poder casar com ele.

Nos contos “História de debaixo da terra” (Moutinho 32-33), “A bela e a cobra” (Moutinho 30-31) e “A Bela-Menina” (Coelho 167-170), um homem (um rei, um lavrador ou um armador) é obrigado a entregar a uma entidade misteriosa (uma voz, uma cobra ou um bicho rastejante) a sua filha mais nova. Esta aceita o seu destino e vai viver para uma mansão deserta, onde todas as noites sente uma misteriosa presença. No primeiro dos contos mencionados, a conselho das irmãs, a jovem acende uma vela para observar o seu misterioso anfitrião e redobra o feitiço que o atinge, tendo de correr mundo para o reencontrar; nos outros dois contos, pede-lhe licença para ir visitar a família e, ao regressar, encontra-o moribundo: uma lágrima ou um beijo salvam-no do encantamento, convertendo-o num belo príncipe.

Em histórias idênticas centradas nos mesmos motivos, o monstro é substituído por outro tipo de ser maravilhoso. No conto bracarense “Pássaro Lírio Amor” (Soromenho 169-171), um rei encontra na caça um coelho (que é na realidade um príncipe) que lhe pede a sua filha. Na tradição algarvia, “A filha do mercador” (Soromenho 171-175) é a história de uma donzela que sente o apelo de ir à procura do misterioso Príncipe Rei da Graça; entre as narrativas do Alentejo, “O príncipe encantado” (Soromenho 191-192) tem por protagonista a mais nova de três irmãs, que ao contemplar um belo

palácio no fundo das águas, é encerrada por um negro num poço, para salvar um príncipe encantado. No conto “O colhereiro” (Coelho 159-161), recolhido na região de Coimbra, um misterioso mouro obriga um artesão a entregar-lhe, uma a uma, as suas três filhas; só a mais nova consegue, com a sua astúcia, salvar as irmãs, pondo fim à longa lista de mulheres vítimas da funesta personagem, causando-lhe a morte e o desaparecimento do seu palácio encantado.

O motivo da força do verdadeiro amor, capaz de quebrar qualquer encantamento ou feitiço, é um tópico central de muitas histórias de rainhas sem filhos que, com a intervenção divina, se tornam mães de seres cuja verdadeira identidade desconhecem. De dia sob a forma de animais e de noite em forma humana, esses príncipes só poderão tornar-se definitivamente homens, se uma mulher os amar por aquilo que aparentam ser. Recolhido em Coimbra, “O carneirinho branco” (Coelho 156-158) é um desses contos. Uma rainha sem filhos pede insistentemente nas suas preces que lhe seja dada a graça de ser mãe, nem que seja de um carneirinho. Crescendo aos olhos do mundo com a aparência de um animal, o jovem insiste em tomar por esposa uma mulher. Na noite de núpcias, revela à consorte que é um príncipe encantado, mas pede-lhe que mantenha em segredo a sua verdadeira identidade. Incapaz de se conter, a noiva desvenda à rainha a natureza do filho: renova, assim, por mais sete anos o encantamento do jovem, que terá de partir, para levar a esposa a correr mundo à sua procura. Coligidas em outras regiões do país, várias histórias evidenciam a mesma construção, sendo apenas distinta a aparência física dos príncipes encantados: no conto alentejano “O duque Doce de Laranja” (Soromenho 145-157) e em “O príncipe Bezerro”, recolhido na tradição açoriana (Soromenho 157-166), a rainha reza para ser mãe, nem que seja de um bezerro; na Guarda, em Castelo Branco e em Braga, “O príncipe Cavalinho” (Soromenho 166-167), “O príncipe Lagarto” (Soromenho 167-169) e “O príncipe sapo” (Coelho 183-185) são títulos de contos que evidenciam a híbrida natureza dos seus protagonistas, nascidos por acção sobrenatural em resposta às preces de rainhas sem filhos e marcados por uma aparência animal até à idade adulta. Na tradição de Coimbra, traços animais evidenciam também, nas primeiras duas décadas de vida, o herói de “O príncipe com orelhas de burro” (Coelho 229-230), gerado na sequência das preces de um rei sem herdeiros, que pediu a três fadas que fizessem a rainha dar-lhe um filho. Recolhido no distrito de Beja, o conto “O porco” (Soromenho 177-178) recria a mesma intriga, com algumas variantes: uma mulher, mãe de um filho, exprime o desejo de dar à luz um porco e as suas expectativas concretizam-se; ao chegar à idade de casar, o jovem suíno, atraído pela filha mais nova de um compadre e considerando que o seu aspecto físico poderia parecer repugnante a uma mulher, “puxou por uma unha do pé” e tornou-se um homem.

Diversas são as metamorfoses associadas ao verdadeiro amor, em outros contos tradicionais alentejanos: em “A macaca” (Soromenho 178-180), um ano após o casamento, a simiesca consorte aceita pelo filho mais novo de um rei transforma-se numa linda princesa; “Cezília” (Soromenho 182-188) é a atribulada história de uma princesa que nasce com a sina de se ver convertida em serpente, até encontrar alguém que a ame verdadeiramente; em “Ranita” (Soromenho 180-182), o mais novo de três irmãos aceita por esposa uma rã, que se transforma numa bela princesa. Recolhido no distrito de Bragança, o conto “A bela princesa” (Soromenho 190-191) tem por protagonista o filho de um lavrador, que depois de ser salvo pelo demónio ao cair a um poço, apenas consegue libertar-se e recuperar a forma humana ao aproximar-se da filha de um rei, com quem se vem a casar. Em “O

príncipe Imaginário” (Moutinho 152-154), uma princesa encontra o seu amado num palácio em que tudo foi transformado em pedra e só ela poderá quebrar esse encantamento. O mesmo tópico figura em três contos coligidos na tradição de Coimbra: em “A preta” (Soromenho 175-177), um príncipe consegue devolver a forma humana à sua amada, transformada em pomba pelas artes mágicas de uma negra, que tentara afastar os dois jovens enamorados; no conto “Os dois irmãos” (Coelho 132-135), o mais astuto de dois rapazes consegue salvar do seu encantamento uma princesa, com quem se casa; “A torre de Babilónia” (Coelho 124-127) tem por protagonista o filho de um pescador que, com o auxílio de artes mágicas, consegue libertar as suas três irmãs (que o pai tivera de entregar a um enorme peixe) e salvar uma donzela encantada, prisioneira numa torre donde ninguém até então saíra com vida.

Nascidos sob forma humana por acção de entes sobrenaturais, alguns heróis de narrativas tradicionais evidenciam nas atitudes e comportamentos a sua verdadeira natureza. No conto algarvio “A filha do Diabo” (Braga 179-180), desesperada pela insistência do esposo em ter um herdeiro, uma rainha exprimiu o desejo de dar à luz, “ainda que fosse por obra do Diabo”, e foi mãe de uma menina. Linda, sem necessidade de sono ou de alimento, capaz de desempenhar qualquer tarefa sem nada aprender, a princesa nunca pôs em causa tão estranha natureza, até ao dia em que um camponês desconfiou da sua demoníaca ascendência. Questionada pela filha, a rainha explicou-lhe em que circunstâncias nascera: revelado o segredo, o palácio ficou livre daquele encantamento e o camponês recebeu em troca a mão da princesa.

Idêntica é a construção de “O príncipe Diabo” (Moutinho 104-106). Uma rainha, injuriada pelo marido por não lhe dar um herdeiro, exclamou que não se importaria de ter por filho o Diabo. Um misterioso cavaleiro fez com ela um pacto e ela deu à luz um príncipe rancoroso e mau. Ao saber que a sua maldade se devia ao facto de a mãe lhe ter vendido a alma ao Diabo assinando um documento que este tinha em seu poder, o príncipe foi ao Inferno: decidido a resgatar a sua vida, lutou contra os demónios e trouxe à rainha o testemunho do pacto, que ambos destruíram.

Recolhido em Idanha-a-Nova, o conto “O homem que vendeu a alma ao Diabo” (Soromenho 595-596) reitera os mesmos tópicos. Um caçador, que regressava a casa sem alimento para a sua numerosa prole, encontrou um cavaleiro de dentes dourados que lhe prometeu abundantes presas, se ele lhe desse em troca um dos filhos. Acedendo a esse pedido, o homem lavrou com o Diabo uma escritura, em busca da qual o jovem viria a descer ao Inferno, para resgatar a sua alma.

Idêntica é a intriga de uma das versões do conto “Branca Flor” (Moutinho 123-127). Em troca de auxílio na recuperação de uma junta de bois, um lavrador vê-se obrigado a entregar a um cavaleiro o seu filho único. O rapaz descobre que esse cavaleiro é o Diabo e tem três filhas, a mais nova das quais é Branca Flor, “uma santa”. Contrariando as malignas artes das suas diabólicas irmãs, de seu pai e da mulher deste, a jovem Branca Flor ajuda o filho do lavrador a resgatar a escritura da sua alma e acompanha-o de regresso ao mundo, para se tornar sua esposa. Sem qualquer referência à descida aos Infernos, só alguns destes tópicos figuram num conto, com idêntico título, recolhido em Coimbra (Coelho 113-120), em que Brancaflor é uma princesa feiticeira que ajuda um criado do palácio a recuperar a coroa de seu pai; em troca dos serviços do jovem, o rei concede-lhe a mão da filha.

No conto “O sargento que foi ao Inferno” (Moutinho 139-142), a catábase é a condição imposta por um mercador ao noivo de uma das suas filhas, para o aceitar como genro: o jovem terá de

“passar um rio escuro”, para ir ao Inferno buscar os três anéis do Diabo – difícil prova, de que apenas consegue sair vitorioso com a cumplicidade da mãe do demoníaco adversário.

Como símbolo do poder do mais velho dos dois Diabos que habitam no Inferno, o anel é um dos objectos mágicos trazidos das trevas no conto “Os berliques-berloques” (Moutinho 155-158). Um homem rico deu ao seu irmão, “pobre de fazendas e de espírito”, um pedaço de carne, dizendo que lhe oferecia “como se a desse ao Diabo”. Interpretando mal a frase, o pobre pensou que o irmão lhe estava a confiar a incumbência de levar uma oferenda ao demónio e andou à procura do Inferno, para cumprir a sua suposta missão. Tal como nos contos precedentes, a catábase tem um desenlace positivo: o pobre regressa dos Infernos com três objectos mágicos (uma caldeirinha, berliques-berloques e um anel) e torna-se rico, granjeando a inveja do irmão, mas atraindo também a atenção do rei, que o toma ao seu serviço como comandante dos exércitos.

Concebidos para serem escutados, os contos populares são, na sua essência, breves narrativas, com um fundo humano de universalidade que constitui o seu esqueleto, mas revestem um colorido local que reflecte a personalidade dos grupos étnicos em que foram recolhidos. Afinidades de conteúdo ou forma, na tradição de diferentes comunidades, atestam uma unidade estética elementar, indício de uma eventual ascendência mítica milenária. Mas, acima do seu papel como documentos auxiliares de pesquisa histórica, sociológica, cultural ou psicológica, o supremo valor dos contos populares residirá porventura no facto de ter sido graças a eles que se foram eternizando os símbolos de uma linguagem da fantasia, com fadas, bruxas e gigantes, reis e príncipes encantados, palavras mágicas e palácios de um tempo sem tempo – o tempo do maravilhoso.

### **Obras citadas**

- Apulée. *Les Métamorphoses*. Ed. D. S. Robertson, trad. Paul Valette. Paris: Les Belles Lettres, 1965
- Braga, Teófilo, ed. *Contos Tradicionais do povo português*, vol. I. Lisboa: D. Quixote, 1987
- Coelho, Adolfo, ed. *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: D. Quixote, 1985
- Grimal, Pierre, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982
- Moutinho, Viale, ed. *Contos Populares Portugueses – antologia*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1985
- Soromenho, Alda da Silva e Paulo Caratão Soromenho, eds. *Contos Populares Portugueses (inéditos)*, vol. I. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos / Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984
- Trancoso, Gonçalo. *Contos e Histórias de proveito e exemplo (edição fac-similada da impressão de 1575)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982